

O CAMINHO DA DEUSA: FEMINISMO, SEXO E NUDEZ

THE PATH OF THE GODDESS: FEMINISM, SEX AND NUDITY

Resumo

O presente artigo aborda três dos aspectos centrais na síntese da bruxaria neopagã contemporânea, conhecida como Wicca: o apelo à sacralidade feminina e a inclusão nos ritos da nudez e do sexo rituais, buscando esclarecer as origens desses três elementos e a forma como eles se modificaram ao longo dos últimos cinquenta anos.

Palavras-chave: Neopaganismo. Wicca. Bruxaria. Contemporaneidade.

Abstract

This article approaches three of the central aspects of the synthesis of the contemporary neo pagan witchcraft, known as Wicca: the appeal to the female sacredness and the inclusion in the rites of the nudity and sex, trying to clarify the origins of those three elements and the way that they were modified over the last fifty years.

Keywords: Neopaganism. Wicca. Witchcraft. Contemporaneity.

Janluis Duarte

Doutor em História pela Universidade de Brasília (UnB).

E-mail: jan@janduarte.com.br

Em 1954, o funcionário aposentado da Coroa Britânica Gerald B. Gardner publicou uma obra – *A Bruxaria hoje* – que é considerada o marco inicial da divulgação de uma religião que em poucos anos teria muitos milhares de adeptos em todo o mundo ocidental: a bruxaria neopagã contemporânea, conhecida como *Wicca*. Essa obra e a que a ela se seguiu – *O significado da Bruxaria* – eram o resultado de uma longa trajetória de Gardner no mundo do ocultismo e das sociedades herméticas, somada à sua atuação como folclorista e antropólogo amador, além de exporem algumas de suas concepções pessoais.

Os elementos contidos na síntese de Gardner não eram, absolutamente, originais. Ele afirmava que as bruxas perseguidas pela Inquisição eram, na verdade, sacerdotisas de um culto pré-cristão, que teria sido mantido nas sombras após a ascensão do cristianismo na Europa Ocidental. Em essência, era a mesma tese contida na obra de sua madrinha na *FolkLore Society*, a egiptóloga e precursora do feminismo dra. Margaret Murray, que em 1921 publicara *O culto das bruxas na Europa Ocidental* e assinou, em 1954, a introdução de *A Bruxaria hoje*. Outras afirmações de Gardner remetiam, igualmente, à famosa obra de Sir James Frazer, *O Ramo Dourado*, e outras, ainda, ao livro *Aradia: o evangelho das bruxas*, do folclorista norte-americano Charles Leland. O que havia de original nos livros de Gardner era o fato de que ele afirmava que, na época em que fazia parte de uma associação rosacruciana, a *Crotone Fellowship*, fora apresentado a algumas pessoas que praticavam a “antiga religião da bruxaria” e que, em 1939, havia sido aceito em seu meio e passado pelos ritos de iniciação tradicionais. Explicava o longo intervalo entre sua iniciação e a publicação de seus livros pelo fato de apenas em 1954 terem sido abolidas as últimas leis contra bruxaria na Inglaterra.

Independentemente da validade ou da originalidade das suas afirmações, três elementos relativamente polêmicos parecem ter sido determinantes para o sucesso e a popularização da Wicca de Gardner, especialmente a partir da segunda metade da década de 1960: um forte apelo ao feminino, a insistência na nudez ritual e as insinuações mais ou menos veladas ao sexo ritual. Todavia, a forma como esses elementos foi abordada ou valorada por teóricos e praticantes da Wicca sofreu variações consideráveis ao longo dos últimos 50

anos. Neste artigo, buscarei esclarecer as origens – reais, possíveis ou alegadas – bem como o contexto histórico e o desenvolvimento desses três elementos ao longo dos anos que se seguiram à publicação das obras de Gardner.

A religião da Deusa

Pelo que se pode deduzir a partir dos escritos de Gardner¹, a Wicca não foi sistematizada originalmente como uma religião que privilegiasse os aspectos do feminino, ou que tivesse uma divindade central feminina. Ao contrário: há poucas referências diretas a quais seriam as divindades cultuadas pelas bruxas, e boa parte delas dá inicialmente a impressão de valorizar o equilíbrio entre aspectos femininos e masculinos da divindade, como no trecho a seguir:

Seu deus patrono é o Deus Cornífero da caça, da morte e da magia que, assemelhando-se ao Osíris egípcio, reina no Além-Mundo [...], de onde ele dá as boas-vindas aos mortos e designa os seus lugares, onde serão preparados, de acordo com seus méritos e sabedoria, para renascer em um novo corpo nesta terra, através do amor e poder da Deusa, a Grande Mãe que é também a Virgem Eterna e a Feiticeira Primordial [...]. Elas acreditam que o Deus e a Deusa as ajudam a realizar a sua magia, assim como elas os ajudam conferindo-lhes poder por meio de suas danças e outros métodos. Na verdade, elas parecem considerar seus deuses mais como poderosos amigos do que como divindades a serem adoradas (GARDNER, 2004: 25).

No entanto, se levarmos em consideração o conjunto da obra, notamos que Gardner deixou um campo fértil para que a religião das bruxas se tornasse predominantemente uma “religião da Deusa”, opondo-se ao cristianismo, que seria por excelência a “religião do Deus”. Há claramente uma primazia de referências à “Grande Mãe” em relação àquelas ao “Deus Cornífero”,

¹ Para minhas considerações a respeito da obra original de Gerald Gardner, além das obras já citadas, levo em consideração dois manuscritos que foram divulgados após a sua morte e hoje são citados em diversas obras de autores acadêmicos ou neopagãos que se dedicam ao assunto: *Ye Bok of ye Art Magical*, uma espécie de caderno de notas ao qual Gardner esforçou-se para dar aparência medieval e *The Book of Shadows*, um guia de rituais wiccanos escrito pelo autor, ambos supostamente datados cerca de 1949.

este último claramente retirado da obra de Murray. Além disso, Gardner afirma que “como poderia ser esperado de um culto à Lua, o papel principal nas cerimônias é desempenhado pela Suma Sacerdotisa, ou Donzela. Ela ocupa uma posição de autoridade, e pode escolher qualquer homem à sua altura no culto para ser o Sumo Sacerdote” (GARDNER, 2004: 17).

Na verdade, há antecedentes literários e históricos para esse posicionamento. Na segunda metade do século XIX, era corrente a ideia da existência de um “matriarcado primitivo”, defendida inicialmente por J. J. Bahofen em sua obra *Mito, Religião e Direito Materno*, de 1861, e abraçada por teóricos tão influentes quanto Friedrich Engels. Embora pesquisas posteriores tenham desbancado essa hipótese, ela tomou outras direções ao longo do século XX, substituindo-se a ideia de sociedades matriarcais pela de sociedades matrifocais, onde o culto de uma Deusa-Mãe imanente seria primordial. Em 1948, o poeta e crítico literário Robert Graves publicou *A Deusa Branca*, onde dizia que sua tese

[...] consiste em afirmar que a linguagem do mito poético difundido na Antiguidade, pelo Mediterrâneo e pelo norte da Europa, era uma linguagem mágica vinculada a cerimônias religiosas populares em honra à deusa-lua ou Musa, algumas das quais datavam da Idade da Pedra, a qual permanece como linguagem da verdadeira poesia. [...] A referida linguagem foi adulterada na tardia era minóica, quando invasores da Ásia Central começaram a substituir as instituições matrilineares pelas patrilineares e a remodelar ou a refutar os mitos a fim de justificar as modificações sociais. [...] a antiga linguagem sobreviveu com bastante pureza nos segredos cultos místéricos de Elêusis, de Corinto, da Samotrácia e alhures. Quando estes foram proibidos pelos primeiros imperadores Cristãos, ela continuou sendo ensinada nas escolas poéticas da Irlanda e de Gales, bem como nos covens das bruxas da Europa Ocidental (GRAVES, 2003: 12-14).

A ideia de uma sociedade matrifocal pré-cristã, associada ao culto de deusas ou de uma deusa, manteve-se presente mesmo nos círculos acadêmicos. Constituiu o foco da obra da antropóloga Marija Gimbutas a partir de 1974, que afirmava:

Na Velha Europa, o foco da religião incluía o nascimento, a educação, o crescimento, a morte e a regeneração, bem como o cultivo das colheitas e o crescimento dos animais. O povo dessa era refletia sobre as forças indomadas da natureza, bem como sobre os ciclos das plantas selvagens e dos animais, e adoravam deusas, ou uma deusa, em várias formas (GIMBUTAS, 1999: 3).

A mesma ideia está presente no livro *When God was a Woman*, da professora de história da arte Merlin Stone, publicado em 1976. A autora postulava a emergência de uma “consciência contemporânea” que pudesse ser usada para superar “as muitas imagens, estereótipos, costumes e leis patriarcais [...] que foram desenvolvidas como reações diretas à adoração da Deusa pelos líderes das religiões de orientação masculina posteriores” (STONE, 1976: xxv). O renomado estudioso da mitologia, Joseph Campbell, já em 1996, dedicou um longo trecho de sua obra *Mitologia na vida moderna* ao trabalho de Bahofen e ao que ele chamou de “número misterioso da Deusa” (CAMPBELL, 2002: 95-195).

Não há dúvidas, portanto, sobre a persistência e a atração da ideia de uma “religião da Deusa”, e de sua capilaridade através da cultura ocidental, ainda que largamente contestada pela maioria da comunidade acadêmica. Não é de se estranhar, então, que ela estivesse presente na síntese original da Wicca de Gardner, e menos ainda que ela se fortalecesse após a morte do patriarca, em 1964, e da continuação do seu trabalho por suas primeiras sumo-sacerdotisas, em especial Doreen Valiente, Patricia Crowther e Monique Wilson, conhecida como Lady Olwen.

Vale lembrar, em acréscimo, que o contexto histórico em que a Wicca vinha sendo difundida – em especial na Europa e nos Estados Unidos – era altamente favorável a uma doutrina que atribuísse (ou ainda “resgatasse”) um papel preponderante às mulheres. Afinal, era o momento do auge da segunda onda do feminismo, quando mulheres de quase todo o mundo ocidental levantavam a bandeira da igualdade de direitos e do reconhecimento da sua importância como pilares da sociedade, e não meras coadjuvantes da atuação masculina.

Dessa forma, o reconhecimento da Wicca como “religião da Deusa” acabou se completando através do

viés político, seja por ativistas feministas que abraçaram a nova religião ou, no sentido oposto, por praticantes da Wicca que abraçaram o movimento feminista, ao longo dos anos 1970. A jornalista e escritora Margot Adler nos lembra que:

No início dos anos 1970 houve várias conferências feministas sobre a questão da espiritualidade; diversas atraíram mais do que mil participantes. Na mesma agenda onde figuravam discussões sobre bruxaria, matriarcados e amazonas, e oficinas sobre artes psíquicas, como tarô, astrologia, massagem, cura espiritual e meditação, havia discussões e oficinas sobre o relacionamento entre interesses políticos, econômicos e espirituais. Tornou-se claro nessas conferências que muitas mulheres consideravam as lutas políticas e o desenvolvimento espiritual como interdependentes, e sentiam que ambos eram necessários para a criação de uma sociedade que seria significativa para elas (ADLER, 2002: 180-181).

Nesse panorama, surgiram figuras que se tornaram proeminentes no desenvolvimento e na divulgação da Wicca. Uma delas foi a ativista húngara Zsuzsanna Emese Mokcsay, mais conhecida como Zsuzsanna Budapest, que se radicou nos Estados Unidos em 1970 e fundou o primeiro *coven* formado apenas por mulheres, iniciando a tradição conhecida como *Dianic Wicca*. Outra foi Mirian Simos, californiana conhecida internacionalmente como Starhawk, cujo livro *A Dança Cósmica das Feiticeiras*, de 1979, é uma referência para a maioria dos praticantes da Wicca. Outra ainda é Morgan MacFarland, fundadora da tradição *Old Dianic*, hoje conhecida como *MacFarland Dianic*, na qual, apesar da ênfase na figura da Deusa, homens são aceitos como membros.

Popularmente, contudo, foi outra autora que exerceu talvez a maior influência na divulgação da Wicca e na sua associação com a “Antiga Religião da Deusa”: Marion Zimmer Bradley. Bradley estava envolvida com causas feministas e se declarava neopagã durante os anos 1980, mas sua influência se deu de forma indireta, através de sua obra mais conhecida, o best-seller *As brumas de Avalon*, de 1979. Ao recontar nos quatro volumes desta obra a saga do Rei Arthur, Bradley colocou ênfase no confronto entre a “Antiga Religião” das Ilhas Britânicas

e a “Nova Religião” – o cristianismo invasor, que minava as tradições ancestrais. O mago Merlin, Morgana e outros personagens da lenda são apresentados como sacerdotes da antiga religião, e vários ritos descritos nas páginas das *Brumas* poderiam ter sido retirados diretamente das páginas de Sir James Frazer. Inclusive, a autora declarava ter lido a versão integral do *Ramo Dourado* aos 15 anos de idade.

O interesse despertado pela vibrante “religião da Deusa”, conforme apresentada nas páginas das *Brumas*, levou inúmeras pessoas que nunca tinham ouvido falar no assunto a procurarem maiores referências sobre ele. Evidentemente, várias dessas pessoas encontraram obras acadêmicas (ainda que controversas) como as que já citamos, mas um número muito grande dos interessados acabou defrontando-se com a Wicca. Estes últimos, em sua maioria, viram na doutrina sistematizada por Gardner trinta anos antes um “espelho” das práticas ancestrais descritas no livro de Bradley e, entusiasticamente, aderiram à bruxaria neopagã.

A magia que emana do corpo nu

Nascido em 1884, numa abastada família inglesa, Gardner foi uma criança de saúde frágil². Os médicos da família aconselharam que o menino fosse afastado do clima inglês e, dessa forma, com apenas quatro anos ele foi entregue aos cuidados de uma ama-seca e empreendeu constantes viagens pelo Mediterrâneo, Ilhas Canárias e Madeira. Quando Gardner tinha 16 anos, sua ama-seca casou-se com um plantador de chá estabelecido no Ceilão e Gardner mudou-se com ela para aquele país. Desde então, permaneceu no Oriente, fazendo visitas esporádicas à Inglaterra, até se aposentar, em 1932.

Ao voltar para a Inglaterra, o contato com o clima inglês fez sua saúde definir. Ao consultar um médico, este o aconselhou a frequentar um clube de nudismo, assegurando-lhe que a exposição ao sol e ao ar livre lhe seria benéfico. Dessa forma, Gardner associou-se a um clube nos arredores de Londres e tornou-se um entusiástico adepto do naturismo.

Não é de se estranhar, portanto, que logo nas primeiras páginas de *A Bruxaria hoje*, Gardner afirme que

² Os dados sobre a vida pessoal de Gerald Gardner foram retirados de sua biografia, escrita por Jack Bracelin e publicada em 1960.

as bruxas conduzem seus rituais em completa nudez, uma vez que “suas práticas são remanescentes de uma religião da Idade da Pedra e elas mantêm os antigos costumes” e acrescentando que

As bruxas acreditam que o poder reside no interior de seus corpos e elas podem liberá-lo de diversas maneiras, sendo que a mais simples é dançar em roda, cantando ou gritando, para induzir um frenesi; esse poder que elas creem exsudar de seus corpos seria retido pelas roupas (GARDNER, 2003: 23).

Além de sua própria prática de nudismo e do fato que no clube conheceu pessoas que partilhavam os mesmos interesses que ele pelo ocultismo, é interessante notar que uma das fontes utilizadas por Gardner para sistematizar a sua bruxaria neopagã, Charles Leland, fazia alusão direta à prática de rituais em completa nudez. Logo no primeiro capítulo de *Aradia, o evangelho das bruxas*, encontramos o seguinte trecho:

E sereis livres para qualquer coisa;
E, como sinal de sua inequívoca liberdade
Deveis comparecer desnudos em seus ritos,
Tanto homens quanto mulheres
(LELAND, 2000: 34).

É necessário acrescentar, nesse ponto, que uma das principais críticas feitas por historiadores e antropólogos a Gardner referem-se justamente a sua afirmação de que a nudez ritual seria uma prática ancestral. O prof. Ronald Hutton, especialista em religiões pagãs das Ilhas Britânicas, afirma categoricamente que não há “nenhum culto conhecido no mundo antigo no qual todos os devotos celebravam nus” (HUTTON, 1991: 337). No entanto, é preciso compreender que a “imagem da bruxa” usada por Gardner era basicamente a mesma de Margaret Murray: baseava-se nos estereótipos presentes nos tratados de demonologia do início da Idade Moderna. Ambos os autores esforçaram-se para apresentar explicações “religiosas” e não “satânicas” para os comportamentos das bruxas descritos nesses tratados, mas aceitavam que as descrições de orgias nos sabás eram reais, porém interpretadas erroneamente pela Igreja.

Outro fator que pode ter levado Gardner a incluir a nudez ritual na sua síntese da Wicca é o fato que ele possuía razoável familiaridade com os ritos de sociedades herméticas, tendo inclusive se tornado amigo próximo

de Aleister Crowley³ pouco tempo antes da morte deste último (BRACELIN, 1960). Muito da ritualística da Wicca foi retirada de ritos da magia cerimonial e de sociedades herméticas, e embora nestas não seja comum a nudez ritual, determinados ritos envolvem praticantes desnudos.

De qualquer maneira, a nudez ritual foi prática corrente entre os grupos de wiccanos que se formaram ao longo da década de 1960 e 1970. Ela é defendida no livro de 1973 de Doreen Valiente, continuadora da obra de Gardner, *An ABC of Witchcraft*, embora a autora faça a observação de que para alguns ritos, como “ao ar livre na escuridão do Halloween, ou a meia-noite em algum bosque solitário, é razoável estar agasalhada” (VALIENTE, 1973: 251).

Numa obra publicada em 1984, o casal Janet e Stewart Farrar dedica todo um capítulo à nudez ritual. Eles apresentam pelo menos quatro razões para que os ritos sejam praticados com os participantes nus ou, como a literatura a respeito do assunto consagrou, “vestidos de céu” (*skyclad*). A primeira seria uma renúncia deliberada ao princípio de separação entre corpo e espírito preconizada pelo cristianismo, o qual teria sido “responsável por identificar o corpo com o mal e o espírito com o bem, e colocá-los em guerra um com o outro” (FARRAR, 1984: 195). A segunda seria que “opiniões experientes sustentam que é mais fácil elevar o poder psíquico com o corpo descoberto do que com ele coberto” (Idem: 196). A terceira teria fundo psicológico, uma vez que as roupas seriam um fator importante na formação de uma autoimagem pela qual a pessoa se apresenta ao mundo; mas, no entanto, “para ser uma bruxa competente, você precisa acima de tudo ser você mesma” (Idem: 197). Por fim, a nudez apagaria todas as diferenças sociais, nivelando os participantes dos ritos.

A perspectiva de uma religião praticada junto à natureza, cujos oficiantes e devotos estariam nus, certamente era atraente para uma parcela significativa de adeptos da contracultura nos anos 1960/1970. O movimento hippie, de uma forma geral, preconizava a quebra com os padrões morais da sociedade tradicional – como testemunham as cenas de nudismo nos festivais de Woodstock e da Ilha de Wight – além de aproximar-se de religiosidades alternativas. Não é de se estranhar, portanto,

³ Famoso mago inglês, criador e participante de diversas ordens mágico-religiosas, que se envolveu em diversos escândalos ao longo de sua vida.

que vários autores wiccanos que despontaram nesse período sejam egressos ou apoiadores desse movimento, como a própria Starhawk, já citada, e que inúmeros jovens hippies tenham aderido à religião, contribuindo para seu crescimento exponencial nos anos 1970.

Atualmente, a nudez ritual só é corriqueiramente praticada por grupos de wiccanos mais tradicionais, como os Gardnerianos e Alexandrinos⁴. Alguns grupos somente a praticam em ocasiões especiais, como na iniciação de novos membros, e mesmo nestes apenas os iniciandos costumam estar despidos. A maior parte dos *covens* formados a partir dos anos 1980, no entanto, basicamente a aboliu, preferindo o uso de vestes cerimoniais mais ou menos elaboradas, simples roupas pretas ou, ainda, determinando uma cor de vestimenta específica para cada ocasião, de acordo com a finalidade do rito.

O Grande Rito

Nos tratados de demonologia que surgiram na Europa Continental a partir do século XV, eram comuns as vívidas descrições da cópula entre bruxas e o diabo, ou de práticas sexuais as mais diversas, seja nos sabás ou em ritos particulares. Em *O Ramo Dourado*, Sir James Frazer, seguindo sua tese do “casamento divino” entre um Rei Sagrado e uma Deusa da Terra, insinua que, em determinados períodos do ano, um casal de jovens era escolhido para, através do ato sexual, representar essa união e assegurar a fertilidade das colheitas e dos animais. Leland era mais explícito, ao afirmar que textos das bruxas italianas com quem tivera contato possuíam trechos como “[...] então, quando a dança atingir seu apogeu, todas as luzes serão apagadas e nos amaremos livremente” (LELAND, 2000: 40). A magia sexual, ou o uso da energia do ato sexual para fins mágicos, era onipresente na obra de ocultistas como Alesteir Crowley.

Chega a ser surpreendente, portanto, o fato das obras publicadas de Gardner não conterem nenhuma menção sobre sexo ritual, embora ele mencione pelo menos em uma passagem (GARDNER, 2004: 236) o “matrimônio sagrado”. As obras não publicadas oficialmente, como o *Livro das Sombras* e o *Ye Bok of Ye Art Magical*, também não fazem referência direta a sexo ritual. Tanto *A Bruxaria*

hoje quanto *O significado da Bruxaria* estão repletos de defesas apaixonadas da liberação sexual, especialmente no que diz respeito à repressão sexual sobre as mulheres de seu tempo, mas não há nenhuma menção a práticas sexuais nos rituais das bruxas.

Como explicar, então, a inegável associação entre Wicca e práticas sexuais, que sempre despontou entre os críticos da nova religião e eram comentadas a boca pequena entre seus admiradores?

É o próprio Gardner quem nos dá uma pista inicial. No seu *Livro das Sombras*, há um trecho, datado de 1953, chamado “O Caminho Óctuplo” (*The Eightfold Path*), que enumera práticas a serem adotadas pelos bruxos e bruxas para “atingirem o centro”, ou seja, para atingirem a plenitude de seus poderes psíquicos. As sete primeiras são bastante claras, incluindo meditação, cânticos, uso de substâncias inebriantes, etc. A oitava, no entanto, é simplesmente nomeada “O Grande Rito”.

Apenas em 1972, uma escritora estadunidense de ascendência irlandesa chamada Jessie Wicker Bell, participante de um coven nos moldes gardnerianos e conhecida como Lady Sheba, publicou *The Grimoire of Lady Sheba*. Essa obra, com ligeiras modificações introduzidas pela autora, era em essência uma descrição dos rituais da Wicca gardneriana, pela primeira vez levados a público. Ela reproduzia o “Caminho Óctuplo” de Gardner, porém acrescentado a explicação sobre o que seria “O Grande Rito”:

Ao final de cada celebração de um Sabá, os antigos tinham de “aterrar” o poder que foi levantado no interior do círculo, de maneira que este poder não permanecesse na atmosfera. Eles aterravam o poder praticando o ato sexual, o que os trazia de volta do nível místico para o material. Cada Sabá terminava com este ato e ele era chamado ‘O Grande Rito’ (BELL, 2005: 153).

A autora acrescenta não saber de algum bruxo nos Estados Unidos ou na Inglaterra que ainda praticasse o Grande Rito, mas a verdade é que, após sua “revelação”, as alusões a práticas sexuais nos rituais wiccanos começaram a despontar em outras obras, ainda que de forma relativamente tardia. Doreen Valiente, a primeira sumasacerdotisa de Gardner, dedica um capítulo do seu livro

⁴ Aqueles cuja linhagem de iniciações remete a Alex Sanders, fundador de uma “tradição” derivada da Gardneriana na década de 1960.

Witchcraft for Tomorrow, publicado originalmente em 1978, para a relação entre bruxaria e magia sexual, repleto de alusões ao Tantra e considerações sobre os (então) atuais pensamentos em relação ao sexo (VALIENTE, 2011: 134-151).

Em 1983, o casal Farrar publicou *Oito Sabás para Bruxas*, onde um capítulo era dedicado ao Grande Rito, mas já acrescentando que este era um ritual de polaridade masculino/feminino que poderia ser interpretado de duas formas: uma delas “simbólica” e outra “real”, embora ambas não excluíssem a natureza sexual desse rito. O rito “simbólico” consistiria, basicamente, numa cerimônia cujo ápice seria a introdução do *athame*⁵ do sumo-sacerdote na taça cheia de vinho da suma-sacerdotisa, representando a cópula entre a Deusa e o Deus. No rito “real”, o ápice seria a verdadeira união sexual entre os dois sacerdotes, a qual deveria ser realizada, no entanto, sem a presença dos demais membros do *coven*, que deveriam se retirar para outro recinto até serem novamente solicitados. Para os Farrar, o rito simbólico seria “magia de gênero”, ao passo que o rito real seria “magia sexual” (FARRAR, 1999: 46-52).

Os anos 1990 trouxeram consigo uma enorme proliferação de obras sobre Wicca. Se, duas décadas antes, livros como *The Grimoire of Lady Sheba* haviam sido considerados escandalosos por suas revelações, nesse novo momento a impressão que se passava é que todos os segredos a respeito da “religião das bruxas” já haviam sido revelados e nada de novo havia a ser dito. A grande maioria dessas novas obras, no entanto, transmitiam uma visão da Wicca já acomodada aos padrões individualistas de uma sociedade globalizada e neoliberal, na qual a necessidade da dualidade masculino-feminino e da celebração grupal era suplantada pela possibilidade da “bruxaria solitária” e da “auto-iniciação”. Vários desses novos autores, como Scott Cunningham e Silver Ravenwolf, tinham recebido apenas um treinamento básico em *covens* norte-americanos que não seguiam as linhas tradicionais, e alguns ao menos eram iniciados. Essa nova circunstância fez com que as menções a sexo ritual e a magia sexual praticamente desaparecessem das obras.

Uma das raras exceções é um livro publicado originalmente em 1997 por Raven Grimassi, chamado *Os Mistérios Wiccanos*. Grimassi pertencia a uma

tradição familiar de bruxaria italiana, ou *stregheria*, já tendo publicado algumas obras sobre o assunto, e estava envolvido com a Wicca desde o início dos anos 1970. Em seu livro, ele dedica um pequeno espaço à magia sexual, repleto de considerações tântricas, sem, no entanto, afirmar se ela faz ou não parte dos ritos (GRIMASSI, 2000: 242-244). Outro exemplo é *Wicca Gardneriana*, publicado pelo sacerdote brasileiro Mario Martinez, cuja linhagem remonta diretamente a Lady Olwen. O tom geral de sua obra, porém, é de crítica à popularização da Wicca por não iniciados e, como seria de se esperar de um iniciado tradicional, contém muito poucas informações sobre o rito em si. No último capítulo ele aborda a questão da nudez e do sexo rituais e dá a entender que este último é praticado entre sacerdote e sacerdotisa no ritual de iniciação de terceiro grau (MARTINEZ, 2005:133-137).

O caminho da Deusa

O historiador inglês Stuart Clark afirma, logo no início de seu livro *Pensando com Demônios*, que “para entender minimamente as crenças em bruxaria do passado precisamos começar pela linguagem” (CLARK, 2006: 27). A partir daí, ele desenvolve sua tese de que o discurso produzido por uma determinada sociedade é o que autoriza as crenças, e que essas crenças se modificam, ou mesmo se extinguem, quando esse discurso é modificado.

Dessa forma, na Europa (especialmente na Europa Continental) do início da Idade Moderna, o discurso dominante era o dos tratados de demonologia, como o *Maleus Maleficarum*, que criou o estereótipo da bruxa herética, inimiga da cristandade e adoradora do demônio, que voava em sua vassoura para orgias satânicas. Com as modificações sociais impostas pelas revoluções científica e industrial e a redução do poder político da religião, esse discurso perdeu sua efetividade e os historiadores românticos, como Jules Michelet, passaram a retratar as bruxas como mulheres incompreendidas e perseguidas por seus pares e senhores. Num momento imediatamente posterior, os antropólogos e folcloristas da virada do século XX, como Frazer, Leland e Murray produziram um novo e poderoso discurso: bruxaria não era heresia ou satanismo, mas sim a permanência de uma religião primitiva da Europa Ocidental, cujas sábias sacerdotisas cultuavam uma Grande Deusa Mãe e um Grande Deus da fertilidade. Esse último discurso, embora

⁵ Adaga ritual.

amplamente rejeitado pelo meio acadêmico, permanece presente na cultura popular e foi, ainda, reforçado por obras que se seguiram.

Ao sistematizar a Wicca, Gerald Gardner utilizou elementos desses três discursos, adaptando-os ao pensamento e às condições da Inglaterra do pós-guerras e acrescentando, ainda, elementos ritualísticos da magia cerimonial e das sociedades herméticas. Sua intenção ao fazê-lo, provavelmente, era criar uma nova ordem hermética, centralizada em seu Museu de Bruxaria na Ilha de Man, com relativamente poucos participantes rigorosamente escolhidos. No entanto, o próprio Gardner empenhou-se em tornar pública sua síntese e, fazendo isso, atraiu milhares de seguidores.

O que Gardner e os continuadores imediatos de sua obra fizeram, na verdade, foi criar um novo discurso sobre bruxaria, que superou os anteriores por ir ao encontro de aspirações presentes na sociedade ocidental da segunda metade do século XX: feminismo, liberdade sexual, contestação da rígida moral cristã, retorno à natureza. Todas essas aspirações atingiram seu auge em fins dos anos 1960, no famoso *Summer of Love* e depois, paulatinamente, algumas foram sendo suplantadas enquanto outras se tornavam mais prementes.

Por isso mesmo, não é de se estranhar que, conforme o século ia chegando ao fim, o próprio discurso da Wicca fosse mudando. Como vimos, a questão do empoderamento feminino (para usar um termo bem atual), nunca plenamente resolvida, fortaleceu-se a ponto da religião do equilíbrio entre o Deus e a Deusa se tornar, quase exclusivamente, a religião da Deusa. Por outro lado, num mundo pós-revolução sexual, mas assombrado pelo fantasma da AIDS, as referências a magia sexual, sexo ritual e nudez foram progressivamente declinando e sendo mantidas apenas dentro de círculos estritamente fechados.

Em 1960, menos de um ano após a publicação de *O Significado da Bruxaria*, Donna, a esposa de Gardner, que, pelo que se sabe, nunca participou das suas práticas e quiçá das suas convicções, veio a falecer depois de 33 anos de companheirismo e constantes mudanças. A saúde de Gardner deteriorou-se e a asma que lhe afligia desde a infância voltou a manifestar-se. Em 1964, empreendeu a sua última viagem, talvez tentando novamente refugiar-se do clima da Inglaterra, que lhe trouxera as suas bruxas em meio à chuva, frio e névoa, e onde criara a sua religião.

Voltando do Líbano para sua terra natal, Gardner morreu de um ataque cardíaco e foi enterrado em Túnis, sem imaginar que o Caminho da Deusa, que ele traçara, seria nos anos seguintes percorrido por milhões de pessoas.

Bibliografia

- ADLER, Margot. (2006). *Drawing Down the Moon*. New York: Penguin Books.
- BELL, Jessica W. (2005). *The Grimoire of Lady Sheba*. St. Paul: Llewellyn Publications.
- BRACELIN, Jack. (1960). *Gerald Gardner; Witch*. London: Octagon Press.
- BRADLEY, Marion Z. (1989). *As brumas de Avalon*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Imago.
- CAMPBELL, Joseph. (2002). *Mitologia na vida moderna*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- CLARK, Stuart. (2006). *Pensando com demônios*. 1ª edição. São Paulo: EDUSP.
- FARRAR, Janet e Stewart. (1984). *The Witches Way*. Custer: Phoenix Publishing.
- _____. (1999). *Oito Sabás para Bruxas*. 1ª edição. São Paulo: Anúbis Editores.
- FRAZER, Sir James. (2003). *The Golden Bough*. Dover: Dover Publications Inc.
- GARDNER, Gerald B. (2003). *A Bruxaria hoje*. 1ª edição. São Paulo: Madras.
- _____. (2004). *O significado da Bruxaria*. 1ª edição. São Paulo: Madras.
- _____. *Ye Bok of Ye Art Magical*. Cópia de manuscrito. Cerca 1949.
- _____. *Book of Shadows*. Transcrição de manuscrito disponibilizada e comentada por Aidan Kelly.

GIMBUTAS, Marija. (1999). *The Living Goddesses*. Berkeley: University of Califórnia Press.

GRAVES, Robert. (2003). *A Deusa Branca*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

HUTTON, Ronald. (1991). *The Pagan Religions of the Ancient British Islands*. Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers.

LELAND, Charles G. (2000). *Aradia: o evangelho das bruxas*. 1ª edição. São Paulo: Outras Palavras.

MARTINEZ, Mario. (2005). *Wicca Gardneriana*. 1ª edição. São Paulo: Editora Gaia.

MURRAY, Margaret A. (2003). *O culto das bruxas na Europa Ocidental*. 1ª edição. São Paulo: Madras.

STONE, Merlin. (1976). *When God was a Woman*. San Diego: Harvest Books.

VALIENTE, Doreen. (1973). *An ABC of Witchcraft*. Blaine: Phoenix Publishing.

_____. (2011). *Witchcraft for Tomorrow*. London: Hale Books.

Recebido em: 09/02/2017.

Aceito: 17/04/2017.